

**JOSÉ TEIXEIRA DOS SANTOS FILHO
ANA MARIA RODRIGUEZ COSTAS**

SOBRE A DESMONTAGEM “SE EU FOSSE EU” E SUAS PEDRAS FUNDAMENTAIS

Resumo



Este texto apresenta e reflete sobre a desmontagem “Se eu fosse eu”. Nesse exercício cênico o público é convidado a construir a ordem das cenas a partir da escolha de pedras envoltas em textos que desvelam aspectos da criação de “Lapidação - ou quando gritam as pedras” que, inspirada na canção “Geni e o Zepelim”, contesta LGBTfobias. Em similitude ao exercício, os autores sugerem uma leitura não linear, de modo a desmontar o próprio texto.

Palavras-chave:

Geni. Composição coreográfica. LGBTfobia.

SOBRE A DESMONTAGEM “SE EU FOSSE EU” E SUAS PEDRAS FUNDAMENTAIS

JOSÉ TEIXEIRA DOS SANTOS FILHO¹
ANA MARIA RODRIGUEZ COSTAS²

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel e Licenciado em Dança pela mesma universidade além de Monitor de Dança (clássica, moderna e contemporânea) e Técnico em Dança pela Escola Técnica Estadual de Artes - Centro Paula Souza - em São Paulo. ORCID: 0000-0003-2444-5867. Email: joseteixeirasantosf@gmail.com.

² Nome artístico Ana Terra. Professora-doutora do Instituto de Artes (IA)/Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado (2016) no Programa de Pós-Graduação da ECA/USP, sob supervisão da Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo com a pesquisa Processos de criação e pedagogia da dança: configurações de um ideário relacional. Doutora em Educação (2010) e Mestre em Artes (1997) pela UNICAMP. Graduada em Ciências Sociais pela USP. Foi a 1ª Secretária da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE) na gestão 2013-2014 e atualmente integra a Comissão Editorial da gestão 2019-2020. ORCID: 0000-0002-4088-4838. Email: anatterra@unicamp.br.

A desmontagem cênica em uma escrita desmontável

Esse texto pretende ser a versão escrita da desmontagem “Se eu fosse eu” realizada na disciplina AC301 - “Escritas da Cena, a Desmontagem Cênica como estratégia de reflexão e criação de artistas da cena” ministrada de modo remoto pelas professoras doutoras Ana Cristina Colla e Raquel Scotti Hirson no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp durante o primeiro semestre de 2021.

Ileana Diéguez Caballero (2018) apresenta alguns fundamentos sobre o termo “desmontagem”. Aponta-se no termo a necessidade de reconhecimento das estruturas do objeto da desmontagem (em nosso caso, uma montagem cênica). Na desmontagem “Se eu fosse eu” o artista e pesquisador José Teixeira revisitou sua criação bem como os materiais que fizeram parte do processo criativo do solo “Lapidação - ou quando gritam as pedras”³ a fim de reconhecer aspectos metodológicos do seu pesquisar e criar dança.

Na problematização do termo *déconstruction* – a partir da tradução

³ A composição coreográfica é fruto de duas pesquisas fomentadas pelo Programa de Iniciação Científica da Unicamp orientadas pela professora doutora Ana Maria Rodriguez Costas. A primeira pesquisa se intitula “Joga pedra na Geni: investigação gestual e criação em dança” e foi desenvolvida durante o período de agosto de 2015 a julho de 2016. A segunda pesquisa de iniciação científica, “Joga pedra na Geni: da investigação gestual à composição com o público em tempo real”, foi desenvolvida durante o período de novembro de 2017 a julho de 2018.

dos conceitos heideggerianos de *Destruktion* e de *Abbau* –, Jacques Derrida (1997) considerou a ação de decompor e desmontar as estruturas. A desconstrução implica em uma prática filosófica e política aplicada a textos da linguística, a literatura, a arte, a religião, a filosofia, evidenciando os sistemas de poder que lhes habitam. Surgida no contexto francês em um momento predominantemente estruturalista, do jeito que foi observado por Derrida, a palavra implicava “determinada atenção às estruturas”: desconstruir era “um gesto que assumia uma determinada necessidade da problemática estruturalista”, mas era também “um gesto antiestruturalista” enquanto implicava decompor e dessedimentar estruturas presas a modelos (DIÉGUEZ, 2018, p. 11).

No trabalho “Se eu fosse eu” as estruturas da obra desmontada eram desveladas por pedras, aqui chamadas de pedras fundamentais, envoltas em papel sulfite branco. Cada papel continha escrito o título de uma reportagem de jornal e convocava uma palavra - Batom, Jornal, Cotidiano, Cruz, Afeto e Eu - associada às materialidades presentes no processo de pesquisa e criação da composição “Lapidação - ou quando gritam as pedras”. As pedras envoltas eram dispostas no espaço, visíveis na tela (por se tratar de uma apresentação virtual), e o público era instigado a escolher o embrulho a ser aberto, correlacionado a uma reportagem que era lida e a uma pedra-palavra que disparava a apresentação de trechos coreográficos da obra desmontada ou uma fala sobre aspectos de sua criação.

Em coerência com o jogo proposto nessa desmontagem, nos interessa aqui, construir a escrita como um experimento que coloca quem lê numa situação de escolha, provocando uma postura ativa tal como aconteceu na apresentação de “Se eu fosse eu”. Esses questionamentos ressoam os da pesquisadora Mara Leal que identificou a adequação aos moldes científicos ou teóricos como uma das fontes da dificuldade de artistas de escrever sobre seus processos de criação e do engessamento de “pesquisas criativas num formato acadêmico ou que tentam explicar sua prática por meio de teorias estranhas ao processo.” (LEAL, 2018, p.26).

A partir da experiência de revisitar um

trabalho cênico por meio de escolhas de quem o assiste, convidamos-lhe para escolher a ordem da leitura das partes deste artigo - como se cada subtítulo fosse uma pedra a ser desembulhada - para que a tessitura dos conteúdos vividos na experiência de assistir a desmontagem intitulada “Se eu fosse eu” - seja também experimentada na leitura sobre ela. Para tanto, optamos por uma escrita desmontada de modo que o leitor poderá, a partir deste enunciado, conectar (ou não) as nove partes que compõem o texto construindo uma ordenação não linear entre as narrativas poéticas exploradas e algumas reflexões sobre a própria desmontagem.

Reunidos pelos vínculos estabelecidos nos processos de pesquisa e criação do solo “Lapidação - ou quando gritam as pedras” e nas reflexões entre a desmontagem “Se eu fosse eu” e uma pesquisa de mestrado⁴ em curso, nas demais partes do texto, assumimos a primeira pessoa do singular para evidenciar a voz do artista-pesquisador que vivencia corporalmente a desmontagem.

Abaixo encontra-se o sumário das dez partes. Ao clicar em uma delas, o texto será direcionado para a devida parte. Ao finalizar a leitura, é necessário voltar ao sumário e escolher uma nova parte.

O aquecimento da bixa

Reconhecendo as estruturas ou quem sou?

As pedras fundamentais

Pedra - COTIDIANO

Pedra - CRUZ

Pedra - JORNAL

Pedra - BATOM

Pedra - AFETO

Pedra - EU

Pedra Final

O aquecimento da bixa

Coytada⁵

Escuta bem que essa podia ser pra você, viu?

Na verdade quem sabe ela não é?

Coitada[...]

Se eu tenho dó?

Não tenho nada!

⁴ Além dos vínculos apresentados na nota de rodapé anterior, o primeiro autor é orientado pela segunda autora.

⁵ Lexema referente a coito. É usado também para exprimir dó e compaixão a alguém infeliz ou desventurado. O uso ambíguo dessa expressão aparece na canção “Geni e o Zepelim” onde o autor refere-se a personagem como “tão coitada”.

Tu podia até ser o último boy do planeta
 Que eu vou dá pra Deus e o mundo
 Vou dá até pro capeta
 Tu podia até ser o último boy do planeta
 Que eu vou dá pra Deus e o mundo
 Vou dá até pro capeta
 Mas se depender de mim [...]
 Tu vai morrer na punheta [...]
 Sua bixinha safada (Tu vai morrer na punheta)
 Cê só quer dá pras gay bombada
 E eu sou muito afeminada
 Vou dá pra todos na balada
 Manhã, tarde, madrugada
 Daqui até minha quebrada
 Eu sentando, você sentada
 De santa eu não tenho nada
 Seu vacilão, tô vacinada
 Graças a vocês sou arrombada
 E tu vai continuar apertada
 Eu vou tirar minha camiseta
 Vou mostrar as minhas teta
 Chupo cu, chupo buceta
 Tô sentando, 'cê tá sentada
 Coitada [...]
 Coi-coi-coi-coi
 Sou nova Eva, sou Tieta!
 E tu vai morrer na punheta
 Vou dá pra todos no planeta
 Vou dá até ficar cansada
 E pra eu cansar, olha...
 Coitada! (Linn da Quebrada, 2017)

Se eu fosse eu

Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase “se eu fosse eu”, que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto, já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei. Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

“Se eu fosse eu” parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova do desconhecido. No entanto, tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da

festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais. (LISPECTOR, 1999, p. 97)

Uma canção da multiartista Linn da Quebrada e uma crônica de Clarice Lispector são parte do “aquecimento da bixa” para dançar “Lapidação - ou quando gritam as pedras”. Ambas eram reproduzidas ou recitadas disparando o movimento. A composição se deu por improvisações durante as investigações que realizei em duas pesquisas de iniciação científica (2015-2018) durante minha graduação em dança na Unicamp. Durante esses aquecimentos eu nunca soube muito bem se me aquecia enquanto improvisava ou se improvisava enquanto me aquecia. Movia-me desde as emoções que me vinham da escuta de narrativas, canções, textos, reportagens. Racionalmente buscava tomar consciência do corpo afetado e dos artifícios e recursos técnicos que dispunha e que haveria de aprofundar. Em “Se eu fosse eu” retomo esse aquecimento como abertura do exercício. Improviso e me aqueço, desnudo, vulnerável.

Hoje, reflito sobre esses aquecimentos à luz dos conceito de *corazonar*, o aquecimento da razão, que nos proporciona “suficiências íntimas” (ARBOLEDA, 2002, p. 417 apud SANTOS, 2019), apresentado por Boaventura de Sousa Santos (2019) como saberes emergentes das lutas sociais dos movimentos indígena e negro.

Corazonar é um conceito usado por povos indígenas da região andina da América Latina. [...] Corazonar é o ato de construir pontes entre emoções/afetos, por um lado, e conhecimento/razões, por outro. Essa ponte é como uma terceira realidade, ou seja, uma realidade de emoções/afetos com sentido e de saberes emocionais ou afetivos (SANTOS, 2019, p. 152-154).

O aquecimento corporal necessário à prática física perpassava por momentos de reconhecimento das necessidades do corpo, alongamentos, treinos específicos para evitar lesões e principalmente o aquecimento das emoções e afetos disparados pelas narrativas que trazia

para a sala de improviso. O aquecimento do corpo implicava um *corazonar* que me impulsionava ao ato criativo. O improviso provocado por narrativas de LGBTfobia, racismo, sexismo, opressões pela classe social, próximas a minha identidade e trajetória era e é a porta de acesso para o aquecimento do corpo e de um sentir-pensar como que a manifestar em meu corpo uma resposta de resistência. O improviso *corazonado* me permitia elaborar em meu corpo por meio da experiência em dança corporalidades e dramaturgias de uma dança que acontecia em relação com quem assistia. Nessa troca com o público, buscava chegar ao que Arboleda (2002, p. 417 apud SANTOS, 2019) entendia por “Suficiências íntimas”, que “representam uma forma de resistência que inclui re-existência”. (SANTOS, 2019, p. 156).

Reconhecendo as estruturas ou quem sou?

Meu nome é José Teixeira. Eu sou negro, bicha e bissexual. Vim de Carapicuíba, município que compõe a Zona Metropolitana da cidade de São Paulo. Como prática e estudo na disciplina AC301 - “Escritas da Cena, a Desmontagem Cênica como estratégia de reflexão e criação de artistas da cena” desmontei a composição coreográfica “Lapidação - ou quando gritam as pedras”⁶.

Como tema central da pesquisa artística estava a ação de jogar pedra, ou apedrejar, presente na canção “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque (1978), e as violências contra LGBT+ no Brasil. Minha orientadora, Professora Ana Terra⁷, sempre dizia que eu instaurava o caos na sala de ensaio. Eu chegava e tirava tudo da mochila. Papéis, diários, cabos de som, reportagens impressas, objetos para a cena, roupas e etc. Cada vez mais assumo essa baderna como parte do meu modo de criar: espalho textos, citações, escritos e reflexões. Deixo-os próximos na sala de ensaio. Leio, releio, transcrevo e improviso. O entendimento de muitos aspectos da criação se deu em movimento.

A pergunta disparadora do processo de

desmontagem é: como eu crio? Assim, no labirinto caótico de possibilidades eu convoco algumas materialidades, (pedras) para tentar me ajudar a responder. Essas materialidades estão correlacionadas a palavras que são o meu fio condutor para não me perder durante a apresentação. As materialidades são ferramentas importantes no processo de desmontagem, pois disparam memórias, experiências que são reconfiguradas. Apresentá-las compõem uma cena. Leal (2018) destaca:

[...] sobre esses compartilhamentos foi o uso de suportes visuais e textuais – registros, em geral – como meios de revelar percursos pessoais e a explicitação da historicidade de um processo. Essas memórias, em forma de registros criados (fotografias, filmagens) e também de objetos, esses resíduos de processos, apresentavam também um potencial como ponto de partida para pesquisas e para a compreensão de si como artista-pesquisador-pessoa. Assim também, esse lastro do passado tem uma dimensão pedagógica e política. É ele que permite sair de uma trajetória de superfície para um mergulho em profundidade em seu próprio percurso (LEAL, 2018, p. 24).

Nesse exercício de desmontar-me foi necessário reconhecer as estruturas, as minhas e as do meu criar. Olhei para minha trajetória, minha história. Fiz conexões do ontem com o hoje. Recolhi materiais utilizados no processo e na apresentação. Li e reli os textos da disciplina. Selecionei trechos que me fizeram mais sentido:

A desmontagem como dispositivo conceitual articula um percurso crítico-teórico que permite refletir e reconstruir criticamente os processos criativos. Aí se afirma seu valor metodológico, que de alguma forma permite reconhecer um modo de fazer, sem que por isso implique uma sistematização fixa dessa modalidade. As desmontagens se constroem e tomam corpo como poéticas da experiência dos processos de trabalho e vida dos criadores-pesquisadores (DIÉ-GUEZ; LEAL, 2018, p. 8).

Lido com minha dificuldade em construir roteiro. No fim eu sempre improviso. A roteirização dos materiais apresentados sugere uma linearidade que não fez parte do processo que foi se construindo ao longo dos meses de inves-

⁶ Segue o link de uma das apresentações da composição: <https://www.youtube.com/watch?v=EZ7rmRpLAKM&t=434s>.

⁷ Ana Terra é o nome artístico da professora doutora Ana Maria Rodriguez Costas, docente do Instituto de Artes pela Departamento de Artes Corporais no curso de graduação em Dança (bacharelado e licenciatura) e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena dentro da linha de pesquisa “Arte e Contexto”.

tigação e composição. Em vez de um processo encadeado, fui ligando pontos que o corpo na experiência dançante do improvisado foi desvelando. Cada semana eu tinha uma ideia nova. Cada vez que abria o computador e relia o que tinha escrito já criava outro caminho. Escutei um dia Cris⁸ falar e ela afirmou uma coisa sobre mim que eu não sabia: que eu preciso desorganizar as coisas. Organizadas elas não precisam ser mexidas. Se tudo está no seu devido lugar, o que é preciso ou posso fazer? Isso se faz em várias camadas da minha vida. Improvisar reorganizando as coisas, desorganizando-as. Eu preciso me lançar no labirinto. Perder-me. Mas e se eu não souber voltar? A desmontagem pra mim envolve essa necessidade e risco de perder-se. Vendo o relato de Mara Leal (2018) sobre seus primeiros contatos com a desmontagem de Teresa Ralli, denominada “Uma atriz se prepara”, reflito sobre a construção de um roteiro aberto. Afinal, parece que a gente sempre está se desmontando a cada desmontagem (gosto da força desse pleonasma, então decidi mantê-lo).

O roteiro atual [...] é resultado de uma síntese de diferentes modos de narrar o processo, mas sempre tem abertura para o que surge ali, naquele momento da apresentação. [...] essas escolhas podem dar a falsa impressão de que o processo seguiu uma linearidade, quando na verdade foi feito por caminhos labirínticos (LEAL, 2018, p. 22).

Então, assim como Ariadne⁹, faço uso de fios, palavras que me conduzem nesse labirinto de revisitar meu roteiro. “A desmontagem, por necessitar um olhar autorreflexivo sobre sua prática, colabora para conectar fios que pareciam soltos” (LEAL, 2018, p. 25).

As pedras fundamentais

Na composição coreográfica “Lapidação - ou quando gritam as pedras” cada pessoa recebia um embrulho para entrar no espaço da apresentação organizado em arena. Era uma pedra branca (quartzo leitoso não-lapidado). Num

determinado momento eu pedia que cada um dos presentes abrisse esses embrulhos e lesse em voz alta o texto que encontrasse. Esse texto era alguma reportagem de um LGBTQ+ violentado ou morto, ou alguma frase homofóbica que tivesse feito parte da minha trajetória. Após ler esse texto (se a pessoa quisesse, nada era obrigatório) ela deveria colar esse texto com fita crepe em um cubo de madeira ao centro do espaço ou em alguma parede livre.

Existe uma tradição judaica de representar os mortos com pedras. Essa informação me veio em uma das primeiras experimentações com o público que fiz durante a pesquisa. Essa simbologia de representar os não presentes com as pedras adentrou tanto meu imaginário que foi incorporada na composição e em sua desmontagem quando não pudemos nos reunir presencialmente por conta das medidas de isolamento social em combate a pandemia de Covid-19.

Em “Se eu fosse eu”, as pessoas que estavam virtualmente presentes escolhiam os embrulhos com pedras brancas. Essas pedras fundamentais traziam uma reportagem que convocava algumas das materialidades do trabalho, desvelando aspectos que alicerçaram o processo criativo.

Pedra - COTIDIANO

“Pastor de Araruama é preso por assassinar homossexual e ocultar cadáver” (DA REDAÇÃO, 2015, online).

Essa pedra convoca a roupa social. Logo no início de Lapidação, quando as pessoas entram, recebo-as em cima de um cubo branco: um púlpito? Um monumento vivo? “A exposição do ‘não recomendado à sociedade’”¹⁰. Pode ser tudo isso. Recebo o público de calça e camisa social pretas. Roupa de ir ao trabalho no escritório. Roupa de ir à igreja (roupa com a qual costumava ir à missa). A ideia era brincar com o lugar do espetáculo ou de um evento social.

⁸ Refiro-me à Prof^{fa}. Dr^a. Ana Cristina Colla.

⁹ Ariadne é uma personagem da mitologia grega que entrega a Teseu um fio de lã, o fio de Ariadne. Estendendo o fio pelo labirinto do Minotauro, Teseu mantém-se conectado a Ariadne e após enfrentar monstro metade homem e metade touro consegue encontrar o caminho para fora do labirinto.

¹⁰ Vide o roteiro comentado em: Entre pedras e direitos: reflexões sobre a performance “Lapidação-ou quando gritam as pedras” (DOS SANTOS FILHO, 2019). Ver “Não recomendado - Não recomendados” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w. Acesso em 20 jul. 2021.

Arte e cotidiano se misturam. Recebo as pessoas “toda trabalhada no neopentecostal” para o culto de meu apedrejamento. Assim como a maioria de meus figurinos de dança e do cotidiano (como se o meu cotidiano não fosse uma grande dança), este foi desenhado, cortado e costurado por minha mãe. Visto a roupa social.

Pedra - CRUZ

“O homem que se deita com outro homem, como se fosse uma mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte e o sangue deles cairá sobre eles mesmos” (Bíblia, A.T., Levítico 20:13).

“A mulher não deverá usar artigo masculino, nem o homem se vestirá com roupa de mulher, pois quem assim age é abominável para Javé seu Deus” (Bíblia, A.T., Deuteronômio 22:5).

Esta pedra convoca a Bíblia Sagrada (Cristã). Eu cresci na Igreja Católica. Costumo dizer que minha “noção de cena” começou em minha atuação como coroinha no rito da missa. Considera-se que com menos de um ano já fui posto para interpretar o menino Jesus na encenação de Natal da igreja. Em quantas outras encenações não fiz parte, em eventos ou missas especiais. Já encenei o filho carente de amor da família. O filho de pai com problemas alcoólicos. O bom pai. O bom filho. O bom marido. O bom catequista. O pastorzinho que viu Nossa Senhora de Fátima. Mas nunca encenei a mim mesmo. Imagine agora um jovem que tem atração sexual por outros homens (um veadinho, esse mesmo!), imagine esse jovem escutando os dois versículos da Bíblia convocados nesta escrita e presentes no solo. Agora imagine ele segurando a cruz em procissões e missas. Coluna rígida e firme. Imagine o quanto essa vivência, essas palavras, essas crenças formaram e deformaram o corpo desse jovem. Esse jovem sou eu. Ensinado a carregar a própria cruz, a cruz de ser quem é, de gostar de quem gosta. Quando comecei a dançar parei de frequentar a igreja. A vida artística que libertava meu corpo não coabitava com a vida na igreja.

Na dança sempre fui o desengonçado, o desequilibrado. Minha coluna era instável. Gostava do desequilíbrio. Acho que gastei toda rigidez e equilíbrio na igreja segurando cruces. Por

fim, a inabilidade de ficar ereto foi gerando uma habilidade: a de cair e me recuperar.

DE JOELHOS EM CRUZ. No chão, começa-se a construir-se o gesto da crucificação com quedas e recuperações. Nesse momento fico explorando o nível baixo e médio ficando apenas de joelho, variando tempo e peso e me deslocando num movimento centrífugo para o público. Não tem fim. Ou o fim é a exaustão (exaustão da cena ou minha exaustão física). A cruz é uma metáfora para a ideia de sacrifício, para a ideia de violência para com um inocente, que é tão presente no cristianismo. Essa cena se faz no silêncio (DOS SANTOS FILHO, 2019, p. 10).

Pedra - JORNAL

“Jornal de alunos de farmácia da USP pede para jogar fezes em gays” (TOMAZ, 2010, online)

Essa pedra convoca um dossiê com todas as reportagens e outros textos que fizeram parte do processo criativo. Quando comecei a pesquisar sobre “Geni e o Zepelim” deparei-me com essa reportagem. Ela foi a primeira. Essa reportagem logo me transportou ao refrão da canção: “Joga pedra na Geni! Joga bosta na Geni! Ela é feita pra apanhar, ela é boa de cuspir. Ela dá pra qualquer um. Maldita Geni!” (BUARQUE, 1978, pág. 163).

No dossiê estão as reportagens que abrem as pedras e convocam os materiais. Interessante essa linha tênue entre arte e cotidiano. Entre a cena que representa a ação de apedrejar e os múltiplos sentidos dessa palavra, dessa ação. A principal fonte desses registros vem dos relatórios anuais do Grupo Gay da Bahia (GGB) que faz um levantamento a partir das reportagens, contabilizando as mortes de LGBT+. Infelizmente é um levantamento impreciso, já que não há respaldo de instituições oficiais brasileiras de censo demográfico em relação a mortes por homolebóbtransfobia. Segundo dados da Hemeroteca Digital Homotransfobia Mata, no ano de 2018, a cada 20 horas um LGBT+ morreu vítima de LGBTfobia (Michels, 2019).

Pedra - BATOM

“Homem acusado de matar filho no Rio por ser ‘afeminado’ vai a júri popular” (BRITO, 2014).

Esta pedra é um batom. Esse objeto tão ligado ao feminino aparece marcando o pecado.

Quando me dispo da roupa social em Lapidação, revelo meu corpo com escritos homofóbicos: “morre veado”, “bixa”, “pervertido”, “aberração”. A pessoa que encontra o batom em seu embrulho pode escrever no meu corpo o que deseja. Você que agora me lê, o que escreveria?

O batom convoca a roupa da Dança-Geni.

[...] começo uma improvisação tendo a canção (letra, voz e instrumento) “Geni e o Zepelim” interpretada pela cantora e pianista Cida Moreira, como mote, para uma dança íntima que termina numa risada que se inicia pela respiração e contração do abdômen, aumentando para algo visceral, principalmente no ápice da canção, onde a personagem é apedrejada. A canção acaba. Vem as palmas. O riso vai morrendo (DOS SANTOS FILHO, 2019, p. 9).

Enquanto danço um improviso estruturado a partir da canção, as pessoas ainda estão com suas pedras. Brinco com a literalidade da canção em meu corpo. “Num suspiro aliviado, ela se virou de lado e tentou até sorrir. Mas logo raiou o dia e a cidade em cantoria, não deixou ela dormir. Joga pedra na Geni” (BUARQUE, 1978, p. 163). Com uma pedra na mão, e uma pessoa à sua frente dançando uma canção onde existe o imperativo de atirar pedra, você atiraria a sua pedra? Essa cena realmente é plausível?

Pedra - AFETO

“Mulher é morta na frente da namorada após ofensas homofóbicas em SP” (ROCHA, 2016).

Esta pedra convoca meus diários. Eu tenho compulsão por diário. O processo de investigação e composição do solo se deu por cerca de 200 horas de improvisações. Eu registrei minhas improvisações em diários escritos. No início da pesquisa a minha pergunta mobilizadora era “o que me move?”. Hoje percebo que o que me movia era o afeto. Minha pergunta de hoje é “o que me afeta?”

De alguma forma ouvir a canção, ler as notícias sobre LGBTQ+ violentados e mortos me afeta. Minha reação a isso é dançar. É o improviso. O improviso é para mim esse lugar

de reorganização dos meus afetos. E pensando no dançarino desengonçado e atrapalhado que penava em aulas de dança com conteúdos mais técnicos, o improviso entra como um lugar de reorganização dos meus aprendizados.

No artigo “Dança como acontecimento” Costas (2011), numa perspectiva labaniana, aponta para a possibilidade da improvisação como procedimento para “rememorar involuntariamente o que o dançarino sabe sem saber, vivificar potencialidades latentes, e assim, ser capaz de afetar sensorialmente o espectador”. A improvisação, apontada como uma ferramenta metodológica é abordada por Suzy Weber, em “Um modo particular de composição: a improvisação”. Citando Susan Leigh Foster, Weber (2015) menciona que a improvisação “oferece a oportunidade do artista se ater mais no processo e menos no produto” (p. 12).

Pedra - EU

“Polícia identifica suspeito de matar dançarino por homofobia no RJ” (COELHO, 2015).

Essa pedra convoca a última cena de Lapidação. Recolho as pedras das mãos do público ou pelo menos daqueles que se mantiveram com elas, pois em algumas apresentações o público deixava as pedras onde colocavam as reportagens. Recolho as pedras de um por um. Às vezes, quem estava de mãos vazias me dava a mão. Recolho as pedras num valsar lento e fúnebre enquanto recito a canção de Pedro Abrunhosa sobre Gisberta, travesti brasileira torturada e morta em Portugal (MELO *et al.*, 2016)¹¹. Recolho as pedras e deposito-as no chão. O chão se torna lápide.

Eu comecei esse solo porque em algum momento eu percebi o quanto eu sou apedrejável: preto, veado, periférico. E frente a isso eu quis gritar. Gritar sobre a falta de amor. Gritar sobre a violência. Quis gritar contra as vozes de pessoas que condenam LGBTQ+ e ainda se dizem amá-los¹², pois (parafrazeando a palavra cristã):

¹¹ Balada de Gisberta, composição de Pedro Abrunhosa, interpretada por Maria Bethânia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_oDWUIFuiCI. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹² Na cena final “Lapidação - ou quando gritam as pedras” grito “o amor é tão longe” percorrendo o espaço detrás de quem assiste numa valsa que descreve um movimento centrípeta (de atrás do público até o centro do espaço de apresentação) sobrepondo minha voz a uma pregação do pastor Silas Malafaia que diz amar o pecador (homossexual) e abominar o peca-

“se eles se calarem, as pedras gritarão” (Bíblia, N.T., Lucas 19:39).

[...]

Escrevi o desejo

Corações que já esqueci

Com sedas matei

E com ferros morri

[...]

Trouxe pouco

Levo menos

A distância até ao fundo é tão pequena

No fundo, é tão pequena

A queda

E o amor é tão longe

O amor é tão longe [...]

(ABRUNHOSA, 2007)

Pedra Final

O exercício da desmontagem permitiu a compreensão do modo de operar em dança empregado por um dos autores. Ao revisitar e remontar as partes que formaram um todo, no caso o solo “Lapidação - ou quando gritam as pedras”, pode-se tomar consciência das ferramentas utilizadas no processo: o aquecimento corporal através do aquecimento dos afetos, as narrativas que ressoam no corpo, o autobiográfico friccionado pelo cotidiano, o improvisado como aquecimento, as relações entre laboratórios e a própria cena e as escolhas de quem assiste. Essas ferramentas, desveladas em “Se eu fosse eu”, se constituíram pelo próprio processo criativo de modo que o percurso da criação da

obra seguiu os caminhos propostos pelo corpo em suas experiências cotidianas e em laboratório de prática em dança.

Desmontar esses percursos implicou desvelar algumas relações entre investigação e criação, pois não são princípios repetidos ou conhecidos os que são entregues, mas os labirintos que se experimentam ainda às custas do chamado êxito. Optar por compartilhar processos de trabalho e não somente mostrar resultados é empreender itinerários arriscados, em uma direção muito diferente da montagem ou da representação de um texto prévio. [...] Talvez, por isso, estas experiências contribuam para entender o horizonte de estratégias poéticas, testam os tradicionais cânones, abrem portas, oxigenam os marcos e, muito especialmente, propõem novos desafios para aqueles que estudam e refletem em torno da cena (DIÉGUEZ, 2018, p. 11).

“Se eu fosse eu” inaugura uma nova etapa de um processo criativo. A desmontagem como exercício cênico e autorreflexivo possibilitou a recriação da obra “Lapidação - ou quando gritam as pedras” a partir dos seus alicerces. Pode-se então afirmar que esse exercício apontou pistas para que o artista-pesquisador elabore e reelabore seus próprios métodos de criação. Isso pode ser uma chave-mestra, ou mais uma pedra fundamental, para outros artistas desenvolverem seus próprios processos criativos a partir de seus próprios caminhos, anseios e afetos. A partir de então, cada um pode desvelar e lapidar suas próprias pedras fundamentais.

do (de ser homossexual). Ver roteiro comentado em: Entre pedras e direitos: reflexões sobre a performance “Lapidação-ou quando gritam as pedras” (DOS SANTOS FILHO, 2019)

REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, Pedro. **Balada de Gisberta** (canção). Letras.mus (online). 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/1768848/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Edição Pastoral**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 15a reimpressão, 2002. p. 220;137;1341.

BRITO, Guilherme. **Homem acusado de matar filho no Rio por ser “afeminado” vai a júri popular**. G1 - RJ (jornal online). Publicado em 17 dez. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/homem-que-matou-filho-no-rio-por-ser-afeminado-vai-juri-popular.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BUARQUE, Chico. **Ópera do malandro**. São Paulo: Cultura, 1978.

COELHO, Henrique. **Polícia identifica suspeito de matar dançarino por homofobia no RJ**. G1 RJ (jornal online). Publicado em 12 ago. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/policia-identifica-suspeito-de-matar-dancarino-no-rj.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

COSTAS, Ana Maria Rodriguez. **A dança como acontecimento**. VI Reunião Científica da Abrace, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/2945/3089>. Acesso em: 16 mar. 2020.

DA REDAÇÃO. **Pastor de Araruama é preso por assassinar homossexual e ocultar cadáver**. Portal RC 24h - O fato no ato. 24 jun. 2015. Disponível em: <https://antigo.rc24h.com.br/noticia/ver/16729/pastor-de-araruama-e-preso-por-assassinar-homossexual-e-ocultar-o-cadaver>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DIÉGUEZ, Ileana; LEAL, Mara (Orgs.). **Desmontagens**: processos de pesquisa e criação nas artes da cena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

DOS SANTOS FILHO, José Teixeira. **Entre pedras e direitos**: reflexões sobre a performance “Lapidação-ou quando gritam as pedras”. Anais ABRACE, v. 20, n. 1, 2019.

HOMOFOBIA MATA. **População LGBT morta no Brasil - #Relatório 2018**. 2019. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/homicidios-de-lgbt-no-brasil-em-2018/>. Acesso em 20 maio 2020.

REFERÊNCIAS

LEAL, Mara. O desvelar da pesquisa em artes: a desmontagem como procedimento artístico-pedagógico. In: DIÉGUEZ, Ileana; LEAL, Mara (Orgs.). **Desmontagens: processos de pesquisa e criação nas artes da cena**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MELO, Carolinne Taveira de; MELO, Rogério Marcellino dos Santos; PEREIRA, Tânia Augusto. **Balada da gisberta: uma análise discursiva sob perspectiva foucaultiana**. Anais XII CONAGES. Campina Grande, Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18389>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MICHELS, Eduardo. **População LGBT morta no Brasil - Relatório 2018**. Hemeroteca Digital Homotransfobia Mata. 2019. Disponível em: <https://homofobia-mata.wordpress.com/homicidios-de-lgbt-no-brasil-em-2018>. Acesso em: 20 maio 2020.

PRADO, Caio. **Não recomendado - Não recomendados**. (Youtube - online) Publicado em 24 maio 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQN_u. Acesso em: 20 jul. 2021.

ROCHA, Guilherme Lucio da. **Mulher é morta na frente da namorada após ofensas homofóbicas em SP**. G1 Santos (jornal online). Publicado em 25 fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/02/mulher-e-morta-na-frente-da-namorada-apos-ofensas-homofobicas-em-sp.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TOMAZ, Kleber. **Jornal de alunos de farmácia da USP pede para jogar fezes em gays**. G1 SP (jornal online). Publicado em 24 abr. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/04/jornal-que-convocou-alunos-da-usp-jogar-fezes-em-gays-pede-desculpas.html>. Acesso em 20 jul. 2021.

WEBER, Suzi. Um modo particular de composição: a improvisação. In: ALMEIDA, Marcia (Org.). **A cena em foco: artes coreográficas em tempos líquidos**. Brasília: Editora IFB, 2015.

Abstract

This text presents and reflects on the disassembly “If I were me”. In this scenic exercise, the audience is invited to build the order of the scenes by choosing stones wrapped in texts that reveal aspects of the creation of “Storm – or when the stones scream” which, inspired by the song “Geni e o Zeppelin”, disputes LGBT-phobias. Similar to the exercise, the authors suggest a non-linear reading, in order to dismantle the text itself.

Keywords

Geni. Choreographic composition. LGBTphobia

Recebido em: 26 set. 2021

Aceito em: 14 dez. 2021

Publicado em: 16 dez. 2021